



GODOY, Roberto. Campinas, triste cidade classe média. [s.l.], [s.n.], 24 out. 1983.

Sábado, 15h30. Um momento patético na rotina do principal supermercado de Campinas, a capital brasileira da classe média. De um lado as prateleiras, gôndolas e balcões repletos de mercadorias. E de outro os carrinhos de fregueses — vazios. *Jornal da Tarde*

As pessoas circulam pelos corredores espaçosos observando as ofertas, examinando os rótulos. A maioria sai da imensa loja instalada fora do perímetro urbano sem levar absolutamente nada. Poucos, muito poucos, conseguem atender a expectativa expressa nas listas preparadas em casa, antes do impacto provocado pelo contato direto com os preços, alterados várias vezes nas últimas semanas.

Segundo o psicólogo Paulo Eduardo Barros, "o golpe sofrido ao longo dos últimos meses pela classe média será sentido por toda uma geração, que vê frustrados seus sonhos, objetivos e metas de realização pessoal". Olhando para quem entra pela fila interminável de caixas do supermercado, ele lembra que pela sua clínica tem passado, "em consequência da crise econômica", um número cada vez maior de pacientes atingidos por distúrbios psicológicos determinados pelas tensões ambientais: dúvidas existenciais, angústia crônica, desorientação, impotência sexual.

Paulo Eduardo atravessa os departamentos da loja, mostrando os indicadores: 24-10-83

— Em cada compra há apenas o cuidado com o essencial, com o mínimo necessário. Isso é fatal para a chamada faixa social emergente, cujos referenciais de valor estão diretamente ligados ao consumismo, ao poder-ter-mostrar, um trinômio que deu certo, por exemplo, nos Estados Unidos e em parte da Europa Ocidental, mas cujos efeitos, no nosso Brasil de após o período do milagre, são catastróficos.

De fato, o dentista Alexandre Rossi diz que compra hoje menos da metade dos artigos que costumavam recheiar suas cestas até dezembro de 1982. Mas gasta pelo menos o dobro. Já o publicitário Lisécio Cunha vive um "conflito íntimo", como define a sua atividade profissional de "fazer vender o que eu próprio não posso comprar".

A situação do professor Álvaro Correa, que dá aulas em duas escolas (Cr\$ 640 mil por mês) é semelhante. No sábado ele entrou no supermercado para comprar carne, verduras, carvão e cerveja para fazer um churrasco que comemoraria o segundo aniversário de seu filho mais novo. Saiu levando um pacote de macarrão, um saco de tomates para molho, e nada mais.

#### No laboratório

Essas cenas, comuns há alguns meses nos centros metropolitanos como Rio de Janeiro e São Paulo, são novas em Campinas, a cidade mais desenvolvida do Estado, onde as principais agências de publicidade e propaganda do País encontram "o mais amplo, representativo

e eficiente laboratório do público consumidor brasileiro", no entender do estatístico Rubens de Angelis, analista de mercado de uma dessas organizações. Foi por meio de uma pesquisa assim que se detectou no município a maior faixa proporcional de classe "A" do País entre a população, com 11,3% dos 860 mil habitantes. E a classe média, formada por professores, profissionais liberais, técnicos, comerciantes e pequenos ou médios empresários, responde por nada menos que 45% da comunidade, com uma renda per capita recorde: US\$ 1.580.

Isso é motivado pela vocação natural do município, voltado para prestação de serviços (são 20 hospitais, 200 escolas, 3.500 indústrias e 12.500 estabelecimentos comerciais, duas universidades) e principalmente pelo direcionamento da área fabril, sempre voltada para a tecnologia de ponta.

— Isso gerou uma camada social mediana diferenciada, até certo ponto, culturalmente exigente, com poder aquisitivo elevado, muito acima, por exemplo, da massa trabalhadora do ABC, explica o psicólogo Paulo Eduardo de Barros.

#### Fim do paraíso

Esse sonho, de padrão de vida comparável ao de diversas cidades da França ou da Itália, como Lyon e Milão, de acordo com a avaliação do Banco Mundial, acabou. "E o paraíso ruiu", acrescenta Paulo Eduardo, lembrando que o desemprego já atinge 75 mil pessoas, quase 10% da população de Campinas, e mais: "Nunca houve tanta oferta de imóveis, para vender ou alugar", como acontece agora. As escolas particulares enfrentam a questão da falta de alunos, em substituição às antigas filas de espera dos candidatos.

Pior ainda. A queda no movimento nas lojas foi tão grande que a Associação Comercial não divulga mais os índices, como fazia anteriormente todos os meses. Há reflexos no comportamento, também. Até o último dia útil de setembro, 513 casais haviam entrado com pedidos de separação consensual nas Varas de Família do Fórum local — e esse número já era um terço maior que o registrado em todo o ano de 1982.

No Centro de Psicologia Comunitária de Campinas, o psicólogo José Carlos Vitor Gomes viu a agenda, usualmente tranqüila, crescer tanto que ultimamente o seu expediente da unidade começa às 7h30 para terminar somente depois das 21 horas. Mesmo nessa distorção está implícita uma consequência da crise que vitimou definitivamente a classe média: José Carlos, apesar de tudo, tem apenas dez clientes que lhe pagam os honorários: "Não posso cobrar nada dos outros. Afinal, eles vêm aqui exatamente porque já não têm dinheiro para nada — muito menos para pagar um profissional da área psicossocial".

**Roberto Godoy,**  
da sucursal de Campinas.

